



O DESPERTAR DOS SENTIDOS NA LEMBRANÇA DE HÉLIO SEREJO EM *O TERERÉ QUE ME INSPIRA*

Hélia Marcia Kovalski Castilho Teno¹

Paulo Bungart Neto²

RESUMO: O artigo aborda textos do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, contidos em seu livro *O tereré que me inspira* (1986). Com o objetivo de formular uma análise crítica pelo viés dos estudos memorialísticos e da história, uma vez que os textos de Serejo têm como referencial a história pautada nas memórias coletiva e individual, destacando-se a erva-mate nessas narrativas e tendo-a como protagonista em seus relatos, buscamos compreender o conjunto da vasta obra em prosa de Hélio Serejo com a perspectiva da memória e da inter-relação entre os discursos da literatura e da história. O trabalho ancora-se nos estudos sobre memória e nas teorias da história, bem como nas ideias de teóricos como Le Goff (2003) e Halbwachs (2006), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Hélio Serejo; Memória; História; Erva-mate.

ABSTRACT: The article approaches the texts of the writer Hélio Serejo contained in his book *O tereré que me inspira* (1986) [*The tereré that inspires me*]. In order to formulate a critical analysis through memorialistic studies and history, since the texts of Serejo have as reference the history based on the collective and individual memories, highlighting the Mate Herb in these narratives, as well as a protagonist in his texts, we try to understand the whole of Hélio Serejo's vast work with the perspective of memory and the interrelationship between the discourses of literature and history. The work is based on the studies about memory and in theories of history, as well as in the ideas of theorists such as Le Goff (2003) and Halbwachs (2006), among others.

KEY WORDS: Hélio Serejo; Memory; History; Mate Herb.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos analisar a obra *O tereré que me inspira*, de 1986, na qual Hélio Serejo contempla uma mescla de depoimentos, relatos, crônicas históricas e poemas direcionados à família. Dentre os textos, de difícil classificação

quanto ao gênero, separamos apenas os que remetem à memória do escritor, suas lembranças, nostalgias e reminiscências. Em cada texto é possível conhecer um pouco das tradições, cultura, misticismo do povo sul-mato-grossense, da vida do autor, da família e do regionalismo. Uma obra repleta de hibridismo, em assuntos e na linguagem.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os acoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguauo, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebrantar cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses (REIS, 1980, p. 16)³.

Esse trecho de seu discurso deixa uma imagem de quem foi o escritor, que começou a vida em meio a tantas adversidades, mas que soube absorver o que a vida lhe apresentou, transformando-a em poesia.

As obras de Serejo ainda são pouco conhecidas no Brasil, apesar de muito estudadas em diversas áreas, no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso. O seu modo de vida e a influência que recebeu ainda menino resultaram em sessenta livros, além de textos esparsos contendo glossários. Trata-se de um escritor que tem muito a oferecer tanto para os estudos literários, poéticos e linguísticos, quanto para a história.

Nascido em 1º de junho de 1912, na Fazenda São João, município de Nioaque, onde passou parte de sua infância, Serejo dedicou grande parte de sua vida escrevendo sobre histórias que ouviu ou vivenciou ainda jovem, quando acompanhava seu pai “Chico” Serejo, dono de ranchadas, nos ervais sul-mato-grossenses. Muitas delas transcritas em forma de crônicas, relatos e poemas. Veio a falecer em 8 de outubro de 2007, em Campo Grande, aos 95 anos.

Serejo também foi muito atuante nos movimentos políticos da época, sempre esteve atento aos problemas do estado, como a necessidade de se construir uma ponte que ligasse o Mato Grosso do Sul a São Paulo. Como grande conhecedor da região, assim como dos costumes e dos mais diferentes estratos da gente, de sua formação étnica e construção e povoamento do Sul do antigo Mato Grosso, dedicou-se a relatar essa vivência de forma etnográfica. Segundo os pesquisadores Gecieli de Oliveira Silva e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, em “Sobre Hélio Serejo: o escritor regionalista de *Contos Crioulos*”:

É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação do que denominamos a sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura à qual

se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética (SILVA; SANTOS, 2010, p. 75).

É verdade que muitos críticos literários não gostam de levar em conta a vida pessoal de um escritor no momento da análise de sua obra, mas em se tratando de Hélio Serejo, isso fica quase impossível. Claro que é complicado considerar alguns aspectos pessoais na análise das obras de alguns escritores, contudo, nas obras de Serejo, a vida do escritor é imprescindível para a compreensão de sua diegese. Em muitos de seus textos e crônicas, o personagem-narrador é o próprio escritor, que “viaja” por lugares onde passou sua infância e adolescência, contando fatos da história do lugar. Serejo se utilizava dessas recordações e as reatualizava em textos recheados de regionalismo e folclore.

À medida que surgem os textos, Serejo aparece como autor-narrador, organiza as vivências rememoradas e as verbaliza. A realidade sustenta seus textos, mas também são acrescentadas situações fictícias. Há um jogo com o leitor que o faz transitar entre as fronteiras do real e do imaginário.

A partir do contato com sua biografia, fica evidente a importância do cotidiano em sua literatura. Devido à riqueza de detalhes descritos, quase chegamos a visualizar os acontecimentos, sempre ligados a sua gente e sua terra, pois, mesmo depois de ter se mudado do Mato Grosso do Sul, Serejo nunca deixou de voltar seus olhos ao seu estado de origem, trazendo à luz a história de muitos trabalhadores ervateiros que ficaram esquecidos, tratando de assuntos do cotidiano, em que o próprio autor se refere a esses trabalhadores como “heróis anônimos”.

Aos dezessete anos, o escritor passou uma temporada em Ponta Porã-MS, onde cursava a Escola de Instrução Militar. Logo retorna às ranchadas: “Voltava às suas tarefas pesadas, ao seu estudo autodidata, aos seus livros de Geografia” (REIS, 1980, p. 54). Reis salienta mais um detalhe importante sobre Serejo:

À medida que sua adolescência e mocidade caminhavam, Hélio se foi entregando a uma tarefa a que se obrigou de forma constante: passou a escrever em cadernos, onde registrava o que acontecia ou via no seu pequeno mundo. Esses escritos não tinham, porém, forma de diário. Chegou a encher 64 cadernos (que guarda até hoje como relíquias sagradas) e de onde tirou, mais tarde, assunto para seus 33 livros até hoje publicados e 8 já concluídos mas ainda inéditos, e de onde certamente tirará dados para outros já projetados (REIS, 1980, p. 54).

Em meio a muitas caminhadas pelos campos sul-mato-grossenses, Serejo começou a observar dificuldades na travessia dos rios, em que muitas vezes as margens

eram ligadas por frágeis troncos de coqueiros, e que, ao menor descuido, as cargas de mate poderiam cair no rio e se perder. Foi então que o escritor começou a nutrir outro sonho, o de ser engenheiro: “O mocinho Hélio⁴ passou então a alimentar um novo sonho: ser engenheiro para construir pontes e pontilhões por toda a região onde vivia e até, quem sabe, por todo o estado de Mato Grosso... quem sabe até por todo Brasil” (REIS, 1980, p. 56).

Porém, como o sonhador poderia cursar engenharia se nem o ginásio tinha completado? O curso só havia, naquela ocasião, em Campo Grande, e Serejo não poderia se manter na cidade: “Foi por isso que o adolescente Hélio traçou um plano, com base em informações que ia colhendo com os mais entendidos: ingressaria no Exército” (REIS, 1980, p. 58).

No entanto, as dificuldades enfrentadas no Exército foram muitas, acusado de comunismo, Serejo foi preso durante a Intentona Comunista de 1935. Passados seis meses de julgamento, Serejo foi absolvido, como afirma seu biógrafo. De volta à casa dos pais, resolve esquecer seu sonho de ser engenheiro. Ainda conforme Reis:

Na prisão, Hélio Serejo resolvera que daria outro rumo à sua vida. Enterrara para sempre seu sonho de ser engenheiro. Não mais construiria pontes e pontilhões para seus conterrâneos matogrossenses. Haveria, porém, de construir “pontes e pontilhões” literários, levantando lendas, fazendo ligações de fatos sociais, tecendo estórias, construindo “causos”, registrando costumes, fabricando poemas de fundo regionalista. Resolvera, enfim, fazer-se escritor regionalista, retratista da vida do povo brasileiro-paraguaio, dos fronteiriços que ele conheceu a fundo, inclusive porque viveu quase 10 anos nas ranchadas ervateiras. Fez-se o Escritor dos Ervais. Fez-se Missionário do Folclore (REIS, 1980, 63-64).

Neste sentido, poderíamos dizer que o eterno reside na metamorfose. Isso nos remete ao artigo “O pintor da vida moderna”, no qual Charles Baudelaire buscou ater-se aos costumes da “vida presente”, pois, “o prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente” (BAUDELAIRE, 1996, p. 8). Para o escritor francês, o que o satisfaz “é a moral e a estética da época” encontrada na obra:

O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente (BAUDELAIRE, 1996, p. 8).

Para o poeta, o passado não fica à margem, mas vem ao encontro do

presente. E tudo se organiza de maneira gradativa, não deixando espaços a serem preenchidos. Segundo Baudelaire, é o olhar diferente que o artista tem sobre a vida que o faz um “pintor da vida moderna”, que explicita em sua obra o contexto derivado da vivência.

Nesta perspectiva, afirma que devemos “tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, extrair o eterno do transitório” (BAUDELAIRE, 1996, p. 25). É necessário representar o belo da época, registrar a representação do antigo para a posteridade.

Hélio Serejo deu início a sua trajetória literária muito cedo, com quatorze anos “passou a publicar seus escritos no Jornal ‘A Folha do Povo’, de Ponta Porã” (REIS, 1980, p. 69). Ainda adolescente, trabalhou como revisor do jornal, onde construiu grandes amizades, como a do advogado Aral Moreira, então proprietário do jornal (Cf. REIS, 1980, p. 69).

Pode-se dizer que Serejo sempre foi um escritor visionário, buscou desde menino escrever sua história, como ele mesmo se referia como “um trilhador de caminhos”. Segundo Reis:

Com a idade de 15 anos Hélio mandou um artigo com o título “PAISAGEM DA FRONTEIRA” para a revista BOA NOVA, que se editava no Rio de Janeiro. Nesse artigo ele descrevia as carretas paraguaias formando extensa roda para o pernoite (REIS, 1980, p. 70; grifo do autor).

Para um rapaz acostumado com as lidas do meio ervateiro, é de imaginar o que isso representou para sua carreira como ensaísta e prosador. O artigo “Paisagem da Fronteira” (1927) foi o primeiro trabalho para esta revista, depois vieram outros, “Vida Doméstica” e o poema “Dor de Palhaço”. Também prestou serviços ao jornal *Folha do Povo* em Ponta Porã (Cf. REIS, 1980, p. 70-71).

Outro trabalho de relevância em sua trajetória intelectual foi o prêmio obtido em 1936, no concurso organizado pelas revistas *Boa Nova* e *Vida Doméstica*, do Rio de Janeiro, com o trabalho de cunho regionalista intitulado “Caboclo de Minha Terra”, concurso no qual os jurados eram Álvaro Moreyra, Graciliano Ramos e Augusto Meyer.

Afora esses representativos prêmios, há outras inúmeras obras, títulos e premiações, assim como uma vasta fortuna crítica deixada pelo escritor. O prosador fez parte da Academia Mato-grossense de Letras, na qual tomou posse em 19 de outubro de 1973, ocupando a Cadeira número 18, mas foi eleito muito antes, em 27 de novembro de 1953, não tomando posse naquela ocasião por motivos de saúde (Cf. REIS, 1980, p. 13). Também foi membro da Academia Sul-Mato-Grossense de

Letras, nesta, ocupou a Cadeira número 30, que, em 12 de dezembro de 2013, passou a ser preenchida novamente, desta vez, pela acadêmica eleita Marisa Serrano (Cf. <http://acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=482&Pag=2>).

O professor José Pereira Lins, em sua obra *O sol dos ervais: Exaltação à obra literária de Hélio Serejo* (2002), organizou e reuniu cartas, opiniões e poemas de diversos autores que se referem ao escritor e que marcam a expressiva trajetória do prosador, em homenagem aos seus 90 anos de idade. Hernâni Donato, em carta a Lins, intitulada “Livros para se ter sempre à mão e no coração”, diz:

(...) Mas li, reli muita coisa. Fui a alguns dos livros referenciados neste, para reencontro com o texto do Hélio. Você prestou grande serviço menos ao Hélio do que a nós todos que estimamos Hélio e também às letras mato-grossenses, e tudo que é rico e bom e belo ligado àquela terra e ao seu povo. É um livro para se ter sempre à mão e no coração. Tê-lo ei! (DONATO, 2002, p. 79-80).

Pelo vasto acervo literário que deixou e por sua trajetória intelectual, Serejo é considerado um prosador autêntico e autodidata, que soube abstrair tudo o que vivera e ouvira para retratá-lo de forma literária.

Na introdução do livro, Serejo recebe alguns depoimentos de amigos da Academia de Letras, sendo eles, Lenine Póvoas, presidente da Academia Mato-grossense de Letras; João Chiarini, presidente da Academia Piracicabana de Letras; Vasco José Taborda, presidente da Academia Paranaense de Letras; e Elpidio Reis, membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras.

Dentre os dezenove (19) textos que compõem a obra, encontra-se “Junho festivo”, relato sobre o mês em que o escritor faz aniversário, uma época de geadas, muito frio, ventos cortantes, em que ele relembra a estação de inverno enfrentada nos ervais de Ponta Porã e destaca momentos que o marcaram. Em “Vida de xucros”, rememora as férias escolares que passava junto ao seu pai, nos ervais. O folclore também está muito presente: “O crucifixo” retrata a vida dos campeiros e sua crença no sentido folclórico. Em “Quando chega a primavera”, Serejo faz uma homenagem à estação das flores. No texto “Bode expiatório”, relata sua ida para o quartel e sua prisão injusta, em 1935, durante a chamada Intentona Comunista. “Bolicheiro maldito” conta a história de um homem, dono de um “bolicho” (armazém), localizado à margem de uma estrada considerada passagem obrigatória e que servia de pouso para quem ia até a Companhia Mate Laranjeira. O que mais chamava a atenção dos fregueses era o balcão do bolicho, que foi construído com uma pedra de sepultura, o que causava espanto e medo a muitos. O mito do surgimento da flor de maracujá também é contado em “O maracujá”. Nesse texto, o escritor descreve todas as espécies de

maracujá, a beleza da flor da fruta, e o mito por trás de seu surgimento. A vida de um dos administradores da Empresa Mate Laranjeira é descrita em "Don Macke": Frederico Macke, um homem arrogante, que fez muitos inimigos e que não podia ouvir falar a respeito do pai de Hélio Serejo, por ele ser muito próximo a Heitor Mendes Gonçalves e ao médico Joaquim Pereira Teixeira; Don Macke, sempre que podia, procurava humilhar Chico Serejo, chegando a proibir sua entrada em Campanário. A poesia também ganha destaque no livro, através de homenagens do escritor a sua família em: "Minha casa"; "A esposa"; "Helita: a caçula"; "A netinha Candice"; e "O bem do alto".

Como comentado anteriormente, optamos por analisar apenas os textos que remetem às suas lembranças. São eles: "Junho festivo"; "Vida de xucros"; "Bode expiatório"; "Don Macke"; e "Minha casa". Todos os textos escolhidos têm componentes autobiográficos e retratam lembranças relacionadas à vida de Hélio Serejo.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM HÉLIO SEREJO

Serejo não seguiu regras e estruturas em suas obras, simplesmente escrevia por prazer, para preservar a memória do lugar, a articulação da literatura com o espaço da história e do regionalismo que, junto à memória individual e coletiva, assumem o primeiro plano da narrativa. Para esta análise utilizaremos ideias de teóricos como Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff.

De acordo com Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2006), para que as nossas lembranças se aproveitem das recordações dos outros, não é suficiente a apresentação de testemunhos individuais, é necessário haver uma espécie de "concordância" "e confronto", para que, a partir disso, a memória, tornada coletiva, se reconstrua em uma base comum, pois se trata de um trabalho de reelaboração:

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Considerando que a memória jamais é somente individual, e que nenhuma lembrança sobrevive abstraída de uma sociedade, a memória depende não somente

das nossas lembranças isoladas. Portanto, Halbwachs afirma que a memória é formada a partir de construções dos grupos sociais e que são esses grupos que determinam o que é passível de recordação. Entendemos que, para haver uma lembrança, é necessário que exista um acontecimento e um personagem (memória individual), mas para que se perpetue na lembrança de um grupo, é essencial que haja testemunhos (memória coletiva). Em vista disso, Halbwachs afirma que:

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordaremos (espontaneamente, por nós) nos situando em um ponto de vista que somente pode ser nosso? Ainda que fatos desse tipo sejam muito raros, até mesmo excepcionais, bastaria que pudéssemos confirmar alguns deles para estabelecer o fato de que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 42).

A questão central em que consiste o pensamento de Halbwachs é que as lembranças não se constroem sozinhas, é necessário que elas existam e se materializem a partir da memória coletiva de um grupo. As reflexões, as ideias, os sentimentos que muitas vezes atribuímos a nós, de fato, são motivadas pelo grupo. Halbwachs sugere a existência de uma "intuição sensível" que serve para distinguir nossas percepções de algumas questões relacionadas aos elementos do pensamento social (2006, p. 42). Nesta obra, o que Hélio Serejo mostra é que suas lembranças, somadas às de outras pessoas, resultaram em inúmeros relatos. Tais recordações estão bem em evidência ao longo de todos os textos do escritor sul-mato-grossense. A questão da construção da memória também é discutida por Jacques Le Goff em *História e memória*:

Na sociedade sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente em mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2003, p. 427).

A preservação da memória do grupo é complementada com a escrita na era moderna, toda memória ligada à escrita é um documento, portanto, o trabalho de Serejo em anotar, em seus cadernos, o que ouvia, sem dúvida tem caráter documental. Neste caso específico, esse tipo de documento possui duas funções: "uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço,

[...] a outra, ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual”, permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras (GOODY, *apud* LE GOFF, 2003, p. 429). A conservação da memória coletiva, somada à escrita e à valorização das lembranças, está muito presente nas obras de Serejo, o que enobrece e dá um tom de historicidade a seus textos. A memória está nos alicerces da história, confundindo-se com o monumento, com o documento e com a oralidade. Desta maneira, a memória é um produto do entrecruzamento de diversas disciplinas.

Há dois planos da memória – segundo Halbwachs, o primeiro se refere a lembranças de eventos e experiências que dizem respeito a um grupo, à maioria dos membros ou a grupos próximos; o segundo plano é mais intimista, está relacionado a um grupo muito pequeno de pessoas, e, às vezes, a uma ou duas pessoas apenas. Para o teórico, as lembranças surgem, de forma inesperada, em momentos que não podemos controlar, são ativadas por uma figura, um lugar, um cheiro, enfim:

Em todo caso, essa lembrança não é completamente uma ilusão. Nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos que esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós. Nada é mais surpreendente em relação a isso do que um reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando estes voltam a se encontrar no campo de nossa percepção. Nunca mais voltamos a pensar naquilo desde que o vimos pela primeira vez e talvez tenhamos a impressão de que, por algum esforço da memória que tenhamos feito, nos teria sido impossível reconstituí-lo (HALBWACHS, 2006, p. 53).

A essas lembranças ativas podemos chamá-las de reminiscências, quando surge a rememoração ativada por algo, parecendo que essa lembrança permaneceu agarrada a esse dispositivo, “ e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retorna em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado” (HALBWACHS, 2006, p. 53). Seria a recordação guardada de forma inconsciente, é a capacidade de reconstituir ideias, conhecimentos, impressões, adquiridos anteriormente. As lembranças não precisam necessariamente ser ativadas por lugares, elas podem ser ativadas com pensamentos e sentimentos:

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Algumas lembranças, fatos e ideias estão em um terreno comum, essas

lembranças existem para “todo mundo”, isso acontece porque nossas lembranças estão apoiadas em um grupo, e somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejarmos, as que não conseguimos recordar à vontade, é porque pertencem somente a nós, e somente nós podemos reconhecê-la. A história de um grupo ou nação pode ser compreendida como um resumo ou síntese da memória coletiva dos indivíduos, o que aconteceu de mais relevante foi guardado, daí a diferenciação feita por Halbwachs entre memória e história. A história é uma convenção, enquanto a memória é impossível fixá-la na escrita:

(...) se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Nossas lembranças, mesmo as mais pessoais, são resultado de nossas relações com vários ambientes coletivos, e tudo isso dominado pela lei da casualidade, “é como acreditar que um objeto pesado, suspenso no ar por uma porção de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vazio, e ali se sustenta” (HALBWACHS, 2006, p. 70). Todavia, a memória tem um papel considerável em um grupo social, se bem compreendida, alavanca a historiografia. A obra de Serejo evoca tanto a memória coletiva quanto a memória individual, o que traz contribuições para o estudo sociológico da memória, assim como para a história e para a literatura.

Em “Junho festivo”, Hélio Serejo rememora o mês de seu aniversário, marcado pelo frio intenso, um mês “abrumado, sonolento, tudo parado; logo depois, surgiu o ventinho medroso; em seguida a chuva, que puxou o frio que estava *escondido nas matas*” (SEREJO, 1986, p. 6; grifo do autor). O local que Serejo recorda é o da fronteira Brasil/Paraguai, onde o inverno costuma ser rigoroso e, também, onde os ervais se concentravam. Ao mesmo tempo em que evoca o frio intenso, o mês lhe traz alegrias com festas de santos e quadrilhas, o que ameniza o clima: “Junho é sempre uma imagem, uma recordação” (SEREJO, 1986, p. 6). A fogueira acendida e espalhada pelo chão nas noites frias também traz recordações, despertando no escritor um sentimento nostálgico:

Com a sua chegada e, em vendo as fogueiras espalhadas pelo chão, iluminando as noites sertanejas, acende-se, também, em meu coração caboclo, a fogueira rubra das recordações. Passo a viver, então, o fogaréu, o frio, o vento brincalhão, o balão borracho bailando no ar, o ladrar da cachorrada assustada, o cheiro de todos os assados, os ditos, os bailados, as contra-danças incendiadas pelo bem-querer, a música que traz tormento de desejo no pensamento e as fagulhas que ganham as alturas, na orgia doida das cintilações (SEREJO, 1986, p. 7).

As recordações, as sensações despertadas pelo frio, o cheiro, a música, tudo isso o faz recordar momentos que não voltam mais, e que lhe serviram de dispositivos de rememoração. Quem viveu num lugar de frio extremo e/ou numa terra quase inóspita, sabe o quão marcante são as recordações sobre esse lugar. Mas Serejo não o condena, “como sou deste mês, com ele, convivo alegremente” (SEREJO, 1986, p. 7). A fogueira é o personagem principal do texto, ela é quem “salva” os homens dos ervais nessa época de frio cortante.

Em “Vida de xucros”, o escritor relembra sua infância, quando acompanhava seu pai, Francisco Serejo, um amigo, o “preto” Domingos Gomes, provavelmente companheiro de trabalho ervateiro, e seu cachorro Pitoco. As férias escolares, de longos meses, passavam-se nos ervais, o lugar e o convívio deixaram marcas, “até hoje, é uma paisagem crioula que me toca o coração” (SEREJO, 1986, p. 9). A paisagem “criola”/ *criollo* (espanhol), ou o “crioulismo”, é uma expressão recorrente em seus relatos e contos, retratando sempre a região e os costumes sul-mato-grossenses, resultantes de uma miscigenação de raças: paraguaios, brasileiros e indígenas. Lá, Serejo aprendeu a realizar diversos trabalhos manuais:

Desabrochar bois, verificar o pescoço dos mesmos, o lombo dos cavalos, banhá-los, cuidadosamente, engraxar o eixo da carreta, vistoriar as brochas⁵, tiradeiras⁶, canzins⁷, o “fuão⁸” do cambão⁹, as cangas¹⁰, os sovés¹¹, sógas¹², peças do arreo, a aguada e o “canto”, de boa pastagem, onde ficariam os bois na “trela”, para que não se afastassem muito do local. Os cavalos permaneceriam no sovêu longo, em lugar limpo, sem possibilidade de “enleio”, pois assim, pastariam, farta e livremente. Depois vinha a “cata” da lenha (SEREJO, 1986, p. 9).

Não eram férias como as de hoje, ficar com seu pai nos ervais significava ajudar, colaborar com os trabalhos no rancho, mas Serejo gostava e se orgulhava disso. Essa época relatada é uma estação do ano chuvosa, então os trabalhos eram redobrados. Para dormir, os três, Serejo, Domingos e o pai, acomodavam-se dentro da carreta, “ao lado da carga arrumada; o outro na rede armada embaixo da carreta e, o terceiro, no toldo da cozinha depois do fogo bem apagado” (SEREJO, 1986, p.

9).

No dia seguinte, após o café da manhã, voltavam para a estrada e seguiam viagem, que sempre reservava muitas surpresas. A viagem até o rancho era longa, difícil sem dúvida, mas Serejo não reclamava, apenas sentia saudades, aprendeu a apreciar a paisagem sertaneja, “ademais uma nova paisagem sertaneja com contornos diferentes enfeitaria os nossos olhos. Era uma forma de revigorentar, os que vinham estrompados. Depois tudo se repetiria para o despertar de outra madrugada crioula” (SEREJO, 1986, p. 100).

A paisagem sertaneja despertou em Serejo muitos sentimentos e lembranças e isso o inspirou, cristalizando-se na escrita, resultando em diversas obras com o mesmo tema. A música também fez parte de sua vida nos sertões sul-mato-grossenses, o autor se lembra com entusiasmo de seu pai cantando:

Vivi essa vida e, intensamente. Carrego, ainda, na memória, o “Pitoco” amigo, e o fabuloso preto Domingos, o sanfoneiro de cantigas tristes. Era uma festa antes de dormir: meu pai no violão e, Domingos, na sanfona. Quando meu pai cantava, dedilhando o seu violão, o preto sorridente, fazia um fundo com a velhusca sanfona. Um fundo nostálgico, arrebatador (SEREJO, 1986, p. 10).

Serejo ainda relata que guardava na memória a cantiga melancólica cantada pelo pai e pelo amigo, o que reavivava em seu coração um misto de angústia e ternura: “Meu pai, diminuindo a voz, [...] e o negro Domingos, fazendo aquele fundo, [...] brando que esbagaçava com o meu coração de jovem andejo” (SEREJO, 1986, p. 11). Essas lembranças também traziam o sentimento de alegria e, após as cantigas, todos iam dormir, pois a viagem era longa e no outro dia precisavam continuar a jornada. O escritor termina seu relato falando da saudade e da melancolia de rememorar esse tempo: “como é bom recordar o passado distante, evocador e sofrido!” (SEREJO, 1986, p. 11).

Em “Bode expiatório”, Serejo conta sobre sua juventude, enquanto servia o quartel. O motivo maior que o levou a persistir no exército foi seu sonho de estudar engenharia, e o único jeito seria entrando na Escola Militar. A expressão “bode expiatório” é usada para definir uma pessoa sobre a qual recaem as culpas alheias. O contexto do relato se dá em 1935, no Rio de Janeiro, então capital da República, época e lugar em que corriam muitos boatos sobre uma suposta “revolução”. Por todos os lugares se viam homens fardados: Polícia Especial, Polícia Civil, Polícia Militar, Guarda Civil, Exército, Aeronáutica, Marinha, investigadores, inspetores de Polícia, soldados, etc. A população estava em grande agitação (Cf. SEREJO, 1986, p. 16). Mais uma vez, o escritor descreve acontecimentos factuais, relacionados a um importante

episódio da história do Brasil, que acabou servindo de “desculpa” para que Getúlio Vargas instituisse, em 1937, o chamado “Estado Novo”, primeiro regime ditatorial da nação brasileira.

No Rio de Janeiro, em grande agitação, todos eram vistos como “suspeitos” de compactuar com a Intentona Comunista. Serejo ouvia comentários tais como o de que “lugar de comunista – de inimigos da Pátria é – na Ilha Grande. Lá serão atirados ao mar para que sejam devorados pelos tubarões” (SEREJO, 1986, p. 17). Serejo¹³ descreve com detalhes os momentos dramáticos vividos no Brasil da era Vargas:

Pois bem! Às 17 horas do dia fatídico de 27 de Novembro de 1935, procedentes do Corpo de Bombeiros – onde muitos apanhavam até verterem sangue – centenas e centenas de militares e alguns civis, todos, de rostos afogueados – estão postados em frente ao portão principal da Casa de Correção, na rua Frei Caneca, sob um calor de brasa (SEREJO, 1986, p. 17).

Enquanto isso, nenhum soldado se atrevia a pronunciar algo, e de vez em quando ainda surgia um major que gritava, que, segundo Serejo, era um nortista de olhar esbugalhado que ofendia o todo tempo os soldados e civis em frente à Casa de Correção: “Cambada de imundos, vermes nojentos, traidores da Pátria, comunistas asquerosos que estão sob as ordens de Luís Carlos Prestes! Vocês, pelo ato que praticaram, covardemente, mereciam ser degolados” (SEREJO, 1986, p. 17).

Hélio Serejo relata também a presença de um sargento, que falava baixinho às pessoas para que não retrucassem e aguentassem firmes as ofensas. Descrito como um “anjo” do Senhor, o sargento tentava consolar discretamente aquelas pessoas que estavam desesperadas, isto porque imaginavam o que poderia acontecer-lhes depois que atravessassem os portões da Casa de Correção. Entre essas pessoas estava Hélio Serejo: “Entre aquela legião de desesperados – talvez 5% de amotinados – estava o 2º cabo Sinaleiro Observador, do Pelotão Extranumerário (PE), da oitava Companhia, 3º Batalhão, Hélio Serejo, nº 3.488” (SEREJO, 1986, p. 18). Assim,

Metido em uma farda apropriada para um praça de 1,90 de altura, era eu um autêntico palhaço. Dobrei, embaixo, a calça, até o que me foi possível para livrá-la do asfalto, sendo que, a túnica, ficou dançando no corpo esguio. Era um monstro de causar riso... Mas, como o momento era de silêncio, todos respeitavam o cabo espantalho (SEREJO, 1986, p. 18).

O escritor ervateiro, que sonhava ser engenheiro, tinha ido ao Rio de Janeiro atrás de seu sonho e se alistado no 3º Regimento de Infantaria, mas foi preso, acusado de traição à pátria e de adesão ao comunismo – mesmo sem saber ao certo

o que significava esta palavra – abandonando assim o sonho de ser engenheiro. Sem entender porque tinha sido preso, pois tinha acabado de chegar à cidade, apenas estava no local errado e na hora errada. Serejo relata que, às 19 horas da noite de 27 de novembro de 1935, começaram a entrar para a Casa de Correção, escoltados e sentindo muito medo, pois as celas mediam 5x4m de diâmetro, e nelas puseram 20 presos. A primeira ordem recebida foi a de tirarem a roupa e ficarem apenas de calção e com o calçado, nada mais. Segundo as autoridades, “era o tratamento que mereciam, aqueles maus brasileiros que queriam vender o Brasil à Rússia” (SEREJO, 1986, p. 18). De fato, poucos sabiam realmente responder o que significava o termo “comunismo”, crime do qual estavam sendo acusados:

Triste, infeliz e odiosa concepção! Provavelmente, 5% saberia responder, o que era o comunismo, onde ficava a Rússia, como poderiam vender o Brasil e, finalmente, quem era Luis Carlos Prestes, o chamado “Cavaleiro da Esperança”! Por que, então, comunistas, aqueles pobres soldados, cabos e sargentos, que sofreram toda sorte de humilhações pelos maus tratos recebidos? (SEREJO, 1986, p. 18-19).

Humilhados, desorientados, e sem saberem ao certo o conceito de comunismo, esses homens, entre civis e militares, foram colocados em celas escuras, com portas de ferro, apenas um círculo representando uma janela, sem colchão, sem o mínimo de salubridade, sendo o sanitário apenas um buraco aberto no chão, e o chuveiro um cano vindo da parede, além do calor e do cheiro insuportável, assim foram os dias desses homens, dentre eles Hélio Serejo. No terceiro dia de prisão, um caminhão com o *Jornal da Noite*, um dos órgãos de imprensa mais lidos da época, trouxe então, a “cama e travesseiro” para melhorar o sofrimento – dividiram as folhas de jornal e se acomodaram, um alívio e ajuda momentânea; nessas condições permaneceram dois longos meses, e ainda sem serem julgados devidamente (SEREJO, 1986, p. 19).

Rememorar esse trauma e escrevê-lo, talvez tenha lhe trazido algum alívio, já que essa marca o escritor carregou pela vida toda. Apenas um ano antes de o escritor falecer, em 17 de novembro de 2006, a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça considerou indevida sua expulsão do exército, ocorrida logo após o episódio que envolveu sua prisão.

Certo dia, recorda-se, veio uma nova ordem dos superiores: a transferência dos prisioneiros, chamados de grupos, para a Ilha Grande, a bordo do vapor “Pedrol”, em direção à Ilha das Cobras e Ilha das Flores. Junto a um grupo de novecentos (900) presos, acusados de diversos crimes, os acusados de traição foram transportados por lanchas da Polícia Marítima (Cf. SEREJO, 1986, p. 19-20).

Na ilha, Serejo foi designado para fazer algumas tarefas, dentre elas: varrer, cortar batatas e picar couve. Enquanto executava as tarefas, o escritor refletia sobre seu destino e o duro golpe que sofrera. Neste momento de reflexão, o autor começa a rememorar, lembrando-se de quando ainda estava vivendo em Ponta Porã:

Na ilha – enquanto ia executando as minhas tarefas: varrer, cortar “batatinha inglesa”, e picar couve – as duas últimas tarefas com auxílio de uma máquina a pedal, pensava no duríssimo golpe que o destino me havia reservado, e de maneira tão brutal. Fui desafiando um rosário, e rememorando tudo o que acontecera: saí de Ponta Porã, em 18 de outubro de 1932. Tinha tudo planejado, pois contava com a cooperação cristã do primo Capitão Lauriano Gomes Monteiro que servia no 3º R.I. (SEREJO, 1986, p. 20).

A ação de se lembrar, chamada de “rememoração”, é o mesmo que o despertar de uma ideia ou de um pensamento. Para Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p. 469). A memória construída do escritor é baseada na memória coletiva daquele grupo, ao mesmo tempo, se sobrepõe à memória individual, na qual estão presentes os momentos de reflexão pessoal: “Olhando o mar, ao longe, e os múltiplos contornos da Ilha-Presídio pensava na minha desdita: estava a dois passos da Escola de Engenharia, quando se verifica a ‘intentona comunista’, em 27 de Novembro de 1935” (SEREJO, 1986, p. 20).

Ao relembrar o que perdeu e encarar suas frustrações, Serejo começa a se revoltar, principalmente por nunca ter simpatizado com a causa comunista, e por ter pago um preço tão alto, julgando-se ele um “patriota”. Restava-lhe apenas a vassoura em ação, a batata para cortar e a couve para picar. O sofrimento enfrentado pelos companheiros de cela o marcou profundamente, ver as lágrimas de desespero de muitos, foram momentos extremamente difíceis.

Que existiam os *vermelhos fanáticos*, os *vendilhões da Pátria*, todos sabiam. Que os levassem, então, a barrados Tribunais, e os condenassem. Era o caminho certo. Que pagassem pelo hediondo crime praticado!... Nunca, porém, atirarem toda a ira sobre uma legião de pobres inocentes que procuravam uma profissão – uma carreira digna – comendo, não raramente, o pão que o diabo amassou com os pés... O cabo *varredor* e *auxiliar de cozinha*, em determinados dias foi, como tantos outros, o *bode expiatório* (SEREJO, 1986, p. 21; grifos do autor).

Assim Serejo se define, um “bode expiatório”, que pagou pelo que não fez, sofreu o que nunca deveria ter sofrido, e quando ganhou a liberdade, apenas refletiu e concluiu que veio de tão longe em busca de um sonho e que voltaria sem ao menos ter a chance de realizá-lo:

Um bode expiatório, sim; um esquelético *bode expiatório*, sem forças, sofrido e descrente; um “estudante militar”, de carreira truncada brutalmente, em cujo peito pulsava um coração repleto de patriotismo. Um moço que de tão longe viera, para um dia voltar ao seu torrão natal, envergando uma farda e um talabarte, com o seu posto honroso de *Engenheiro Militar*. Estava ali agora – bem no miolo da cidade barulhenta, cosmopolita – aguardando um *passe* para seu triste retorno, à cidade fronteiriça de onde viera. Um *bode expiatório*, como tantos outros que nada fez para pagar um preço tão alto (SEREJO, 1986, p. 21; grifos do autor).

O retorno foi outro momento marcante na vida do escritor, ele tinha gerado expectativas de estudar para ser engenheiro, e, na volta à sua cidade, humilhado e frustrado por ter sido preso, mesmo assim declara ter perdoado quem lhe fez mal. Isso também nos mostra que recordar é refletir, é amadurecer. O ato de escrever sobre essas lembranças é um momento íntimo da consciência reflexiva do escritor.

O contexto histórico abordado neste artigo remete à formação da região Sul do antigo estado de Mato Grosso, período em que, paralelamente, o ciclo da erva-mate acompanha tal formação. Ao lermos obras sobre a formação do Sul de Mato Grosso nos deparamos com frequência com a história da Companhia Mate Laranjeira¹⁴, na qual sua estruturação está ligada intimamente ao estado e, dessa mesma forma, acontece em relação à literatura de Hélio Serejo, um escritor nascido no estado e que conheceu e viveu na região sul-mato-grossense, retratando suas paisagens, pequenos povoados e seu povo (indígenas inclusos), reunindo assim dados e impressões a partir dos quais elaborou sua obra levando em consideração diversos aspectos ligados à Companhia Mate Laranjeira e à erva-mate.

A exploração ervateira surgiu no Estado na segunda metade do século XIX e se perpetuou até os anos 1920, tendo seu declínio iniciado em 1937. Apesar de nacionalmente não ter muita representatividade e ser uma economia de menor valor, os reflexos regionais foram significativos. Portanto, é fundamental estudarmos o ciclo ervateiro para entendermos as mudanças e influências que o estado sobrelevou, financeira, geográfica e culturalmente.

A paisagem dos ervais do sul do Mato Grosso chamava muita a atenção de quem a conhecia e logo a notícia se espalhava, a exuberância da planta bela e multiforme, com mata densa, atraía muitos migrantes, na maioria sulistas e imigrantes

paraguaios. Hélio Serejo, em *Paisagem Sertaneja* (1988), faz uma exaltação do lugar, “difícil mesmo, a gente encontrar coisa mais bonita do que *paisagem sertaneja*, no amanhecer crioulo ou na hora de entardecer” (SEREJO, 1988, p. 5; grifo do autor), comparando os raios de sol do entardecer que adornam as matas a “chispaços de fogo”. Também observa a paisagem:

Nesse momento dúbio, a selvaticidade se enfeita de cintilações variadas. Muitos feixes de luz no mundo, por assim dizer, de mistérios, de indagações. Não há viajero que possa permanecer indiferente, que não se empolgue, com o evocador quadro campesino que gera no homem anejo, ou no simples passante, um dilúvio de estranhas sensações (SEREJO, 1988, p. 5).

A contemplação desse instante, do sujeito extasiado perante a paisagem, cria um momento mágico e único, despertando os sentidos do escritor. E foi isso que Serejo fez quando readaptou suas lembranças e anotações em forma de relatos, poemas e histórias do folclore sul-mato-grossense.

Em seus relatos, Serejo costuma falar de si e de seu pai, uma das pessoas que mais ficaram marcadas em suas lembranças. “Don Macke” foi totalmente inspirado em Francisco Serejo e em Don Macke, que o considerava seu inimigo. Frederico Macke era popularmente conhecido como Don Macke, um alemão que, como tantos outros, veio morar no Brasil, país que conheceu através de amigos que moravam em Buenos Aires, capital da Argentina. Era um homem disposto a trabalhar, tinha estudos, e um bom “faro” comercial (Cf. SEREJO, 1986, p. 32).

Segundo o relato de Serejo, o alemão veio em 1934 para trabalhar na Empresa Mate Laranjeira, ascendendo rapidamente ao cargo de administrador, no qual permaneceu por seis anos. Foi afastado do cargo por ser alemão, já que a segunda guerra mundial tinha sido deflagrada. Muitos foram seus inimigos enquanto trabalhou de administrador da Empresa Mate Laranjeira, Serejo cita alguns: Felipe Benitez Segovia, Manoel Gaudencio Palhares, Nenito Rocha, Heliodorio Soares (Tingo), Homero Barbosa, Juan Sanabria, e tantos outros (Cf. SEREJO, 1986, p. 33). Dentre esses nomes tinha um que Don Macke não podia ouvir falar – o de Francisco Serejo. Para obter essas informações, Hélio pesquisou, descobriu entrevistas e recolheu dados na tentativa de reconstruir a história vivida por seu pai na época que era um habilitado da empresa:

Um houve, no entanto, que o Administrador, Frederico Macke, não podia ouvir nem o nome: Francisco Serejo, o ervateiro corajoso, lutador de fibra invulgar, amigo e orientador de peões paraguaios, cidadão de índole pacífica, maneiroso no trato com

os rústicos, alegre, invariavelmente, e de prosa que cativa crianças, moços e velhos (SEREJO, 1986, p. 33).

O escritor tinha muito orgulho do pai, um homem que trabalhou muito tempo como habilitado para a empresa Mate Laranjeira, era um trabalhador muito prezado pelos donos do empreendimento, consideração, aliás, recíproca: “Entre inúmeras outras, duas pessoas dispensavam especial atenção a Don Chico Serejo: Heitor Mendes Gonçalves, [...] e o conceituado médico Joaquim Pereira Teixeira” (SEREJO, 1986, p. 34). Sendo assim, segundo Serejo, o administrador Don Macke sentia-se “enciumado” com o tratamento dado a Don Chico Serejo, e sempre que havia oportunidade ele o humilhava e contrariava suas decisões. Com o tempo, a convivência foi ficando pior, e Don Serejo tornou-se uma pessoa indesejada para o administrador Macke. Alguns amigos de Chico Serejo queriam que ele representasse uma queixa aos patrões, diretamente a Heitor Mendes Gonçalves, mas ele não quis, preferiu deixar a “poeira baixar”. Com certeza tais conflitos foram contados pelo seu pai, e Serejo deve ter achado pertinente relatar, como se estivesse trazendo à tona algo do passado a ser esclarecido, pois, de acordo com Halbwachs, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Portanto, podemos considerar como duplo (“coletivo”, entre pai e filho) o esforço em reconstruir essa lembrança, e a capacidade da memória reside aí, é muito mais criação tendo como base experiências, valores e linguagens. Trata-se de um processo seletivo e parcial na reconstrução dessa memória, em que fatos isolados são cruciais para que o autor aborde esse assunto:

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Acerca dessas relações interpessoais, podemos refletir o quanto a memória de um indivíduo pode ser dependente da palavra do outro, dos registros de memória, das histórias contadas ou lidas, principalmente em termos do contexto em que são inseridas, por serem fatos que narram produções históricas, sendo assim, a memória não é só lembrança, não é somente compreensão do passado – isso são características históricas – a memória, portanto, é uma seleção de experiências com as quais nos importamos.

Um pouco antes de Don Macke ser afastado da administração, ocorreu um episódio triste com Chico Serejo. Chegou à sede da administração da empresa um motorista pedindo ajuda, “dentro de uma carreta, vem um doente, com destino a Ponta Porã, porque é grave o seu estado: está desacordado, tem febre alta e não pode falar” (SEREJO, 1986, p. 34). Don Macke perguntou ao motorista quem era o doente que estava vindo de carreta, e ao ouvir que era Francisco Serejo respondeu com fúria:

Está proibida a sua entrada em Campanário, mesmo na condição de doente. [...] Que passe a carreta, mas esse cidadão deve voltar e fazer a viagem por Santa Luzia, passando por Caarapó e Fazenda Rincão de Alberto Fróes, onde encontrará caminhão para transportá-lo até Ponta Porã (SEREJO, 1986, p. 35).

Assim, o motorista voltou até o encontro do carreteiro e entregou o recado de Don Macke, eles precisavam da autorização do administrador para passar por dentro da Fazenda Campanário e seguir até Ponta Porã. Ao receber o recado, o condutor da carreta ficou preocupado, pois o estado de saúde de Chico era crítico. O carreteiro teve uma ideia e o motorista concordou: tiraram Francisco Serejo da carreta, algumas bolsas vazias e couro, tiveram o duro trabalho de cortar a machado, quatro paus de mais de dois metros de comprimento, acomodaram o enfermo na carroceria do caminhão da fazenda, ajeitaram a madeira dos lados, dispuseram as bolsas e os couros por cima de Don Serejo. Combinaram de dizer que o doente tinha voltado com outra pessoa para o rancho de burro. A mentira deu certo, Macke acreditou no motorista do caminhão, e assim passou pela fazenda sem levantar suspeita (Cf. SEREJO, 1986, p. 35-36). Todos respiraram aliviados e tiveram a sorte de encontrar outro habilitado no caminho que os ajudaram a chegar até Ponta Porã.

Passou pelo portão de *Ybúe* seguiu viagem. Livre de perigo, tirou a carga, colocando o enfermo deitado sobre as bolsas vazias, recebendo o ar puro dos campos nativos. Deus Nosso Senhor nunca desampara os bons e os justos: nesse preciso momento, passava por ali, em seu automóvel de paralamas barulhentos, o *habilitado*, Acylino Sanches, que se inteirando do assunto, prontificou-se a levar, Don Chico Serejo, seu companheiro de lutas ervateiras, até Ponta Porã onde, aos cuidados do Dr. Arnóbio Miranda, foi posto fora de perigo (SEREJO, 1986, p. 36; grifos do autor).

Passado esse episódio, o escritor relata o triste fim que teve Don Macke, homem de coração duro e que permaneceu na memória de quem o conheceu. Segundo as informações obtidas por Serejo, o administrador conseguiu guardar um bom dinheiro enquanto era funcionário da Mate, mas o afastamento repentino da empresa o deixou

desorientado, pensando até em suicídio. Resolveu mudar-se para São Paulo, levando consigo suas economias. Arranjou um sócio em uma empresa de transporte, mas não foi bem-sucedido nesse empreendimento, logo, o sócio desonesto lhe roubou, deixando-o sem nada.

Tempos mais tarde, Francisco Serejo mudou-se para Campo Grande, e numa certa tarde, andava a pé pela rua, teve um encontro inesperado em frente à Capelinha São José – era Frederico Macke, o mesmo que anos atrás se considerava um inimigo seu; estava malvestido, sujo, Don Serejo se condeou de sua situação e o convidou para ir até sua casa para descansar um pouco. Don Macke agradeceu e, dizendo que tinha pressa, saiu de perto de Don Serejo. Isso cortou o coração do ervateiro, que se entristeceu muito em ver o que restou daquele homem (Cf. SEREJO, 1986, p. 37).

Os anos se passaram e o destino foi cada vez mais duro com Macke, que foi passar uns dias em Guaíra, mas a cidade “tinha o cheiro da erva”, e isso o entristeceu mais, pois lembrava os anos vividos como o “Don Macke”, agora conhecido apenas como Macke, ninguém se lembrava mais de Frederico ou Don, magro, pobre, diabético e quase cego, hospedou-se na casa do genro, viúvo de sua filha, mas sentia muita saudade de Assunção; algumas pessoas se reuniram e juntaram uma quantia em dinheiro para ajudá-lo na passagem de ida, e finalmente Macke conseguiu chegar à capital paraguaia para rever seus familiares, porém, pouco depois de ter chegado à Assunção caiu em uma piscina, morrendo afogado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa memória está impregnada das lembranças que nos cercam, não há necessidade de estarem presentes materialmente, apenas nas reminiscências e na maneira como as percebemos, pois o mundo se reconstitui nesse emaranhado de experiências tão diversas, tanto para lembrar como para esquecer estão em jogo elementos inconscientes como afeto, censura, dentre outros aspectos que se fazem presentes. Por isso, a memória está tão ligada às emoções, às experiências, a existências de grupos e de valores. Lembrar está intimamente ligado ao coletivo, dificilmente lembranças emergem fora das relações com os grupos. A memória, muitas vezes, fica de fora do campo de pesquisa historiográfica, mesmo que inserida nesses discursos, apenas estuda-se suas características e não como ela é construída, como ocorre esse processo e a importância dela nos estudos literários e históricos.

A memória pode ser comparada a uma narrativa que surge em forma de lembranças involuntariamente e na literatura ela encontra uma cristalização. Maurice

Halbwachs afirma que apelamos ao testemunho para preencher lacunas da nossa memória sobre um evento, que muitas vezes parece obscuro. Portanto, ela possui um papel de esclarecimento e um compromisso com os grupos que ficaram à margem do processo de narrativa oficial, que muitas vezes atribuía sentido àquilo que não condizia com a realidade desses grupos.

As narrativas escritas por Serejo se enquadram nesse quesito de relatos de pessoas que ficaram à margem, isto é, trabalhadores simples dos ervais, muitas vezes analfabetos. Tais narrativas têm tido destaque nos dias de hoje, mostrando a importância dessa literatura memorialística que coloca os pequenos grupos e suas histórias em evidência, narrativas que se afirmam como resultado da interferência humana, ressignificando o factual e tornando verossímil o ficcional.

NOTAS

- ¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado - Área de concentração: Literatura e Práticas Culturais) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: hmkovalski@hotmail.com.
- ² Professor Doutor. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado - Área de concentração: Literatura e Práticas Culturais) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br.
- ³ Trecho do Discurso de Posse de Hélio Serejo na Academia Mato-grossense de Letras, em 1973.
- ⁴ Lei nº 12.610, de 10.04.2012 - Denomina Ponte Hélio Serejo a ponte sobre o rio Paraná, localizada na BR-267, na divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.
- ⁵ Tiras de couro, colocada de um canzil ao outro, abaixo do pescoço do boi, para contê-lo.
- ⁶ Corda, formada por tiras de couro, trançadas, bastante resistente, e que serve para fazer a conexão dos cambões entre si, ou do cambão com o cabeçalho. Fixa-se no cabeçalho ao nível do pigarro.
- ⁷ Peça de madeira, com cerca de 80cm de comprimento, afixada à canga através de um orifício, e que se projeta para baixo, uma de cada lado, para conter o pescoço do boi.
- ⁸ Estaca destinada a amparar a carga dos carros de bois. São peças cilíndricas e alongadas, de “bálsamo”, fixadas em orifícios nas chedas, em duas fileiras laterais.
- ⁹ Peça de madeira, longa e espessa, que liga a canga da junta de meio à extremidade da frente do cabeçalho.
- ¹⁰ Peça de madeira colocada sobre os pescoços dos bois, e que ligadas ao cabeçalho, ou ao cambão, permitem a tração do carro. Cangalha.
- ¹¹ O mesmo que laço, embora o laço seja feito de couro trançado e o sovêu de couro cochado, é mais rústico e reforçado.
- ¹² Corda, disposta em forma de “T”, geralmente de couro, que une os chifres dos bois “de guia” e serve para conduzi-los, quando pouco treinados.
- ¹³ Com o intuito de estudar engenharia, alistou-se no 3º Regimento de Infantaria, no Rio de

Janeiro, e foi preso em 1935, durante a Intentona Comunista - até provar sua inocência, permaneceu detido na Ilha das Flores por seis meses, sendo excluído do Exército, onde tinha a formação de sargento, tendo chegado a cabo.

14 Embora a Companhia propriamente dita tenha surgido em 1891, a empresa concessionária dos ervais do antigo Sul do Mato Grosso ficou conhecida por esse nome, mesmo quando operava sob outras razões sociais.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

DONATO, Hêrnani. Livros para se ter sempre à mão e no coração. In: LINS, José Pereira. *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo*. Dourados: Gráfica e Editora Dinâmica, 2002, p. 79-80.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HÉLIO Serejo e a Ponte Hélio Serejo. Disponível em: <http://acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=482&Pag=2>. Acesso em: 15/04/2016.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. De Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

REIS, Elpidio. *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (biografia). Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980.

SEREJO, Hélio. Carai. In: *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul: 1883-1947*. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi, UFMS, 1986, p. 27-193.

SEREJO, Hélio. *Obras Completas*. Campo Grande: IHGMS, 2008. Organização e seleção: Hildebrando Campestrini.

SEREJO, Hélio. *O tereré que me inspira...* Presidente Prudente: Gráfica Santo Antônio Ltda, 1986.

SILVA, Gecieli de Oliveira; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Sobre Hélio Serejo: O escritor Regionalista de *Contos Crioulos*. In: *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. (Org): SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Dourados: Editora Seriema, 2010, p. 74-87.